

80 ANOS DE MÚTUA DOS PESCADORES A CELEBRAR QUEM VIVE E AMA O MAR!



Em 2022 a Mútua dos Pescadores faz 80 anos. Quis também a história que fosse este o ano determinado pela Organização das Nações Unidas para assinalar o Ano Internacional da Pesca Artesanal. “Chamar a atenção do mundo para o papel que os pescadores de pequena escala, piscicultores e trabalhadores da pesca desempenham na segurança alimentar e nutricional, erradicação da pobreza e uso sustentável dos recursos naturais” e também uma “oportunidade para aprofundar o diálogo entre diferentes atores, (...) e mobilizar os pequenos produtores para se associarem e fazerem ouvir as suas vozes, influenciando as decisões e políticas que moldam suas vidas quotidianas – a partir da comunidade local, para fóruns internacionais e globais”.

Em 1942 quando a Mútua nasceu, o seu propósito era o de segurar os “pescadores sem patrão”, da pesca artesanal, estes mesmos que estão agora sob o foco da atenção da ONU. Sem capacidade de escolha ou de voz própria,

estes pescadores passaram a estar obrigados a contribuir com a venda do seu pescado em lota para um

sistema de “previdência social” que os deveria proteger, e às suas famílias, nos casos de infortúnio marítimo, mas cujas regras de funcionamento não dependiam das suas reais ne-

cessidades. As Mútuas das grandes pescarias – do arrasto, bacalhau e sardinha – já estavam criadas, e obedeciam à lógica dos grêmios patronais dessas pescarias.

Tal como a maioria dos pescadores do País, os associados da Mútua dedicam-se ainda a uma pesca local e costeira, ligada às suas comunidades de origem, com tradição na atividade.

Oitenta anos volvidos, os pescadores associados da Mútua já o são livremente, desde a Revolução do 25 de abril de 1974, e têm voz para dar opinião e tomar parte das decisões sobre as reais necessidades de proteção para si, suas famílias e comunidades.

Tal como a maioria dos pescadores do País, os associados da Mútua dedicam-se ainda a uma pesca local e costeira, ligada às suas comunidades de origem, com tradição na atividade. Segundo os dados

oficiais do INE são 15 324 os pescadores matriculados em Portugal, com 90% afetos à pesca local e costeira, e águas interiores.

Porto de Sesimbra



Mas outra realidade mais complexa não fica expressa nas estatísticas oficiais: da dificuldade em fixar jovens no setor e da falta de profissionais, dos rendimentos baixos e incertos, do mau estado de barras e Portos, do excesso de horas de trabalho, do excesso de burocracia numa atividade que não pode esperar, ou na falta de formação adequada à realidade do setor.

A fórmula é a mesma há anos: valorizar os pescadores e a pesca, através da formação, do aumento dos rendimentos, da melhoria das condições de trabalho... proteger, mobilizar, incentivar. O mesmo sentimento é partilhado pela generalidade dos pescadores e armadores associados da Mútua. E mais recentemente, nas comemorações do Dia Nacional do Mar em Sesimbra, dois anos depois do último encontro nacional organizado para debater o futuro e os desafios do setor da pesca, a valorização das pescas e do mar, e do País, continua a passar pelas mesmas soluções, apresentadas pelas organizações locais e entidades nacionais com responsabilidades nestas matérias. Mas a ação prática teima em não ser concertada.

Nenhuma análise séria sobre toda esta problemática poderá desconsiderar que os portugueses continuam a ser os principais consumidores de pescado a nível europeu, ultrapassados a nível mundial apenas pelos japoneses e islandeses. Facto que ganha ainda mais expressão se tivermos presente que Portugal produz apenas 25% daquilo que consome, e que os países fora da UE são cada vez mais os alvos da importação de pescado, não se garantindo os níveis de qualidade que se exige ao pescado descarregado nas lotas nacionais.

Não é apenas a soberania alimentar que está em causa quando devemos defender a produção nacional, mas também a sustentabilidade e racionalidade dos recursos, com a consequente redução da emissão de gases com efeito de estufa e redução de gastos energéticos associados aos transportes e à refrigeração do pescado.

É por isso mais importante do que nunca a velha fórmula tão poucas vezes aplicada, de pensar global e agir local. É disso que se fala quando se defendem os setores mais frágeis desta economia tão complexa que é a pesca, e a pandemia tornou ainda mais evidente a urgência desta fórmula.

O Ano Internacional da Pesca Artesanal será o que soubermos aproveitar para marcar mais um passo no caminho certo, haja força e vontade política no mundo para abraçar as diretrizes da organização de todos os Povos do Mundo.

E a Mútua dos Pescadores, que desde a viragem do milénio abriu a suas portas à proteção de outras atividades e pessoas que também amam o mar, dedicadas à Náutica de Recreio e às diversas atividades Marítimo-turísticas, fará a sua quota-parte, sempre mútua e solidária com as suas comunidades.

E a Mútua dos Pescadores, que desde a viragem do milénio abriu a suas portas à proteção de outras atividades e pessoas que também amam o mar fará a sua quota-parte, sempre mútua e solidária com as suas comunidades.

Uma organização tomada de uma consciência maior, que soube, seguindo sempre a linha da costa, estender a sua missão à proteção de todas as pessoas e dos seus bens, das suas habitações, de todas as atividades económicas, das associações, das entidades do setor público e do setor cooperativo e social. E que pertence àquela família de organizações em que as pessoas não são meios, mas fins em si mesmos, e os valores e princípios cooperativos não são apenas uma carta de princípios a que se deve obedecer, mas um modo de fazer que está no seu ADN.